

A 'SABEDORIA MORAL'. O APELO DA DESTRUIÇÃO

Ronaldo Lima Lins

Os problemas fundamentais da existência política na história são mais perceptíveis nas épocas de crise, isto é, no momento em que a ordem de uma sociedade vacila e se desintegra, do que durante períodos de estabilidade.

Eric Voegelin. *A nova ciência do político*.¹

A marca principal da história da humanidade talvez consista no fato de que os homens nunca estão satisfeitos. São dotados, como diz Ernst Bloch, de uma fome que não se sacia com comida. É o que os leva ao exercício da crítica e, nos momentos de acirramento de tensões, a extremos que promovem reviravoltas surpreendentes. É igualmente aquilo que impediu que as tiranias se perpetuassem. Nem por medo (não obstante o medo represente importante fator de inércia) o pensamento se cala e o silêncio invade de maneira completa a convivência entre as pessoas. É verdade que o mundo conhece pela primeira vez, nos nossos dias, um tipo de dominação diferente, suave (encantador), se comparado aos outros. A dominação que nos caracteriza depende do aval de cada um, de um acerto, senão do conjunto, da maioria dos cidadãos envolvidos. Cada medida do governo se faz¹ acompanhar de avaliações de opinião, como se estas, como um termômetro, subissem de acordo com um metabolismo das moléculas sociais. Ignorá-las constitui um risco que a política não pode correr, diante de eleições que se avizinham e ameaçam com a alternância de poder. Entre as suas leis, esta é uma das principais da versão moderna do sistema democrático. Por outro lado, como afirmava Adorno, inventamos uma sociedade plebiscitária na qual o eleitor vota sim até quando vota não. Biografias se mostram irrelevantes no circuito de uma direção que passa por cima de indivíduos e continua funcionando, mais ou menos bem, independentemente de nomes e de personalidades. Assim, a adesão se realiza e realiza, ao mesmo tempo, a natureza do tipo de organização em vigor. Isto não quer dizer que o acordo funcione em termos absolutos.

A insatisfação atinge alguns. São aqueles que não se conformam e que sustentam o papel da crítica, como sempre aconteceu, mesmo que a maioria não se incline a escutá-la. A insatisfação e a crítica promovem o surgimento de novas concepções, delirantes ou não, pouco importa, porque sabemos que as concepções delirantes levaram, muitas vezes, os homens para frente.

Seja como for, na medida em que a adesão se efetiva em proporções consideráveis e que a maioria não abre a mente para escutar ponderações, é certo que permanece um panorama de euforia, de vitória e, também, de abuso de tanto poder.

O desaparecimento de perfis vinculados de personalidade, no governo ou fora dele, no ambiente intelectual, por exemplo, sugere uma força de unanimidade e uma perpetuação. Os intelectuais como Sartre, e com a repercussão e o prestígio que este conseguiu em vida, deixaram de existir na atmosfera da pós-modernidade. Sumiram igualmente os estadistas de relevo, atores de graves reviravoltas de âmbito internacional, substituídos por outros de personalidade menos forte, porém mais aptos a aceitaram a transferência periódica de poder. Não é uma coincidência, ao contrário do que possa parecer.

No âmbito das idéias, se as personalidades apresentam perfil baixo, de menor relevo, o impacto que a obra resultante de seus esforços obtém é muitas vezes compatível, a despeito da qualidade, com o espaço que fisicamente o autor ocupa, com suas opiniões sobre as circunstâncias. Escritores podem ser maiores ou menores do que as obras, mas o prestígio delas se equilibra com o prestígio deles, numa espécie de permuta em que um lado enriquece e chama atenção para o outro. Não há como ser diferente numa atividade que tem na vida os focos de sua inspiração.

O escritor se protege atrás da obra, sendo ele, por outro lado, com suas inquietações, dúvidas, dissabores e alegrias, a questão mais importante de suas indagações. Aprendemos isso no século xviii, primeiro com a figura de Rousseau, mas também com o elenco de autores que o acompanharam na galeria de grandes nomes que os séculos xix e xx produziram. No universo de discussões laicas onde se situaram, estávamos sozinhos e sem salvação. Olhávamos o que fazer com as nossas mãos e acreditávamos que elas, e somente elas, nos levariam a algum lugar. Cumpria dentro disso, com efeito, extrair o código de moral dos novos tempos, para entender a complexidade do que se passava. Contudo, a época não conseguiu produzi-lo. Limitou-se a arruinar, pouco a pouco, tudo aquilo que até Kant se considerava como *imperativo* e suas justificativas.

É interessante que Sartre, embora sem terminá-lo, julgou semelhante desafio um trabalho importante no interior da filosofia. Lançou-se à tarefa e reuniu uma quantidade de notas, não obstante não tenha chegado a lhes dar uma forma final. Ele era, por excelência, como se sabe, *o* Filósofo (com maiúscula) daqueles tempos, ainda que houvesse outros. Mas era *o* filósofo na medida em que evitava ilusões e mirava exclusivamente no que comprovasse dentro das possibilidades de sua razão. Além disso, testava, a cada passo, as idéias no terreno das discussões práticas. No seu existencialismo, não havia lugar para Deus, porque ninguém chegou a provar a sua existência, o que não significava que, por isso, devêssemos vagar, desconsolados, nas estradas do mundo. Como os homens criam projetos, criou os seus – e foi em frente.

Seja como for, instiga verificar que, nas notas do *Cahiers pour une morale*,² livro editado depois de sua morte por Arlette Elkaim-Sartre, Deus é uma de suas primeiras palavras, é verdade que servindo de contraste para o que se segue.

Ele diz que, para quem afirma a presença de Deus, entende-se o que o leva a praticar o bem para ser uma pessoa moral. É para louvá-lo que a moralidade se afirma. O Santo, em seu nome, deseja ser o melhor, o mais moral de todos os homens. No entanto, se Deus morre, o Santo não passa de um egoísta. Que ele tenha a alma bela, só serve a ele mesmo, o que envenena a máxima segundo a qual se pratica a moralidade para ser moral.

Sartre acrescenta:

É preciso que a moralidade se ultrapasse em direção a um objetivo que não se encontra nela. Dar de beber àquele que sofre de sede, não para dar de beber, nem por ser bom, mas para suprimir a sede. A moralidade se suprime, colocando-se, ela se coloca, suprimindo-se. Ela deve ser escolha do mundo, não de si.³

O que se encaminhará, a partir de tais ponderações, dependerá de diversos fatores, inclusive históricos, para ganhar sentido. E dentro desses fatores, como passamos a conhecê-los, nada se mostrará bastante rígido para sustentar valores, por melhores e mais antigos que sejam.

A hipótese segundo a qual a humanidade, saindo do estado de natureza, e desenvolvendo meios para dominá-la, prosseguiria no seu curso sem grandes obstáculos, logo se revelou problemática. Em sociedade, os conflitos se acentuam e nem sempre encontram solução, antes que se mobilize a capacidade de destruição dos lados em conflito. Examinando o assunto de mais

perto, verifica-se que a filosofia se preocupou com ele, ainda que perplexa, por observar que, a despeito de tudo, o que parecia impossível ocorria: a aposta na permanência. É um traço que intrigava Kant – e intrigou uma lista de pensadores, de Hobbes a Hegel. Como a violência se acha embutida em cada um, imaginar que não se levante e se derrame como num vulcão pressuporia a existência de uma força superior, durante muito tempo associada a Deus. Com a elaboração da *lei moral*, Kant cavou um lugar para que interesses íntimos, baseados num princípio de autopreservação, também interferissem detendo às vezes no limite o que, em outras circunstâncias, promoveria a catástrofe e levaria o conjunto da comunidade ao naufrágio, à solução final dentro de suas questões. Para Kant, a vontade, esta qualidade que nos leva ao progresso e aos infinitos da curiosidade, imperiosa como é, representa a fonte das fagulhas da discórdia. Daí a conveniência de algum fundamento que, na hora precisa, retenha os impulsos. Por isso, acima das demais, uma vontade tem de prevalecer, a de continuar a viver, autêntico lubrificante da *lei moral* e seus bons efeitos. É talvez, ainda, a despeito de tudo, a razão pela qual as nações, agora com o arsenal nuclear, resistem a utilizá-lo como instrumento de dominação: uma vontade prevalece e ajuda a organizar e conter as outras.

Alguém dirá que a eficácia da Teoria Crítica elaborada pelos pensadores da Escola de Frankfurt se ligava aos acontecimentos da II Grande Guerra e aos horrores que provocou. Sartre, que a viveu, durante a ocupação dos nazistas na França, não teria, igualmente, conseguido superá-la, gozando de um sucesso de uma retórica que evocava, mesmo sem querer, o passado recente. Depois dos anos 80, com a memória se afastando daqueles episódios, o mundo caminhou para opções surpreendentes e já não se interessaria por reflexões vinculadas a outro contexto. Caberia descobrir motivos novos. Sem Deus e sem ideologias para segurar uma lei moral, a indústria de consumo lançou mão de produtos que dispensam conteúdos filosóficos, enquanto emitem sinais segundo os quais, em nossa vida curta, melhor é gastar o dinheiro do que armazená-lo no banco ou embaixo dos colchões, como agia na sociedade de poupança. Canalizaram-se as vontades, as grandes e as pequenas, sem receio de, com isso, criar uma situação de frieza e desgastar as noções de fraternidade. O consumismo implica em mobilização de recursos crescentes, além do dispêndio constante, gerando, por seu turno, mais frieza, indiferença e desconhecimento do outro. Aqui, sim, e agora, se justifica a famosa frase da peça de Sartre “o inferno são os outros”. Trata-se da vontade, afinal de contas, mas da banalização da vontade. A alegria originada pelo

poder de compra não tem corda bastante para assegurar o conforto interior. Atender às suas reivindicações cria um indivíduo pior. Como as crianças mimadas, às quais os pais corujas cercam de brinquedos e carinhos, a falta de controle sobre a vontade gera o fenômeno da crueldade em proporções cada vez maiores. Para investir no conforto interior convém trabalhar com outros tipos de compensação, diferentes daqueles que estimulam apenas o egoísmo e a satisfação exclusivista. Note-se que, ao contrário do que parece, o consumismo não inclui: segrega. Se todos são atirados no mesmo impulso, enquanto uns o realizam e outros não, a exclusão se transforma num dos elementos da alegria, a de possuir e exibir o que os demais não possuem. Não é difícil imaginar até aonde se chegará com isso. Claro que, como diz Kant, todos nos movemos pela noção de felicidade. O problema começa quando se deve saber de qual felicidade se trata. Aqui também o consumismo das sociedades pós-modernistas comporta uma espécie de aprendizado, como se, desde os gregos, não devêssemos ignorar o caráter temporário das alegrias, quaisquer que sejam.

É como se um cansaço houvesse tomado conta dos nossos sentimentos – e aceitássemos, sem muito pensar, as alegrias pequenas da compra de objetos sem valor. A lógica de semelhante sistema está em garantir um fluxo de alegrias pequenas para que não se fique muito tempo sem elas. Se a comunidade dos homens, ou pelo menos a sua maioria, pudesse desfrutar de estados de espírito semelhantes haveria a diminuição das tensões e uma redução drástica dos conflitos. Este é o enunciado, o ovo de Colombo, no qual a ordem se baseia. O problema é que, como assinala mais uma vez Kant, o reverso do princípio da moralidade consiste em fazer do postulado da própria felicidade o fundamento determinante da vontade. Isto porque a alegria e a felicidade constituem conceitos que dependem de outros e existem em contraste com os seus opostos: a tristeza e a infelicidade. Ninguém que jamais conheceu a tristeza pode estar em condições de reconhecer e valorizar a alegria. O sofrimento é parte preponderante do aprendizado. A lei moral kantiana se liga, por conseguinte, à ausência de felicidade, como se liga, igualmente, à idéia de felicidade. Soma-se a isso o fato de que, posto em termos absolutos, um ambiente de alegrias contínuas transformaria pessoas em zumbis, sempre dotadas de um riso idiota e desprovidas de liberdade para dizer não, pela incapacidade de abrir mão de suas conquistas descartáveis.

No pouco espaço que lhe sobra na ditadura do consumo, a literatura mergulha, ao contrário, nos lagos profundos da aventura humana. Quem

consome mercadorias e vive desse consumismo, termina consumindo pessoas com a mesma avidez e irresponsabilidade com que se relaciona com os objetos. Não aprende a medir atitudes. Tendo em vista que as atitudes estão na raiz da comunicação entre os pares, a monotonia dos gestos e dos discursos aumenta o sentimento de solidão e a consciência da utilidade no mundo, já que “utilidade no mundo”, melhor dizendo, a razão de ser, é algo que não se sustenta no vazio. Somos seres que precisamos do reconhecimento e da confirmação no cotidiano da sobrevivência. A obrigação de estar alegre, de evitar a tristeza, como se fosse uma qualidade negativa, se esconde a sujeira para baixo do tapete, não a elimina. Logo ela ressurgirá com as contas de sua cobrança.

Ao tempo de Platão, considerava-se que a moral ocupava um lugar entre os conceitos de sabedoria, em nada menos importante do que os demais. A expressão que se usava era “sabedoria moral”, isto é, algo que implicava em refinamento da inteligência e das atitudes. Platão pertence a um tempo e a um povo para os quais, como assinala Werner Jaeger, tinha-se a maneira como uma arte. Daí se empregar, ainda, junto aos temas da “sabedoria moral”, o critério da beleza.

No livro *Cármides, o da sabedoria moral*,⁴ a conversa se inicia com a admiração sobre a beleza de um jovem. A uma observação de Crítias, para o qual as roupas contribuam para a admiração dos outros, restando a ver como se faria o julgamento diante da mesma pessoa sem elas, Sócrates responde citando a “beleza da alma”, no que todos parecem de acordo. O jovem, além de bonito, possui um gosto para a filosofia e para a poesia. Ele se enquadraria na herança de Sólon. Haveria, portanto, um tripé na questão da “sabedoria moral”, passando pela beleza da alma e por um certo tipo de vivência que inclui a arte poética. Para firmar as linhas da conversa, convidam Cármides a estar presente, o que resultou, primeiramente, num êxtase de admiração. O jovem era bonito e o grupo, sem exceções, desejava ficar perto dele. O debate se aprofunda e a sabedoria emerge como tema, na condição de um instrumento que promove o bem. Para tornar-se melhor, a humanidade deve aprimorá-la. O conteúdo da troca de idéias desemboca na máxima “só sei que não sei”, preceito que, por outro lado, incorpora a noção de modéstia e que se integra, como se imagina, nas categorias da “sabedoria moral”. É um debate de um tempo que ficou para trás. Agitados por mil afazeres na organização dos dias, nós não separamos um lugar nas nossas atividades para nos deter no assunto. A própria filosofia deixou quase totalmente de lado as investigações morais. O que importa, diante disso, é o tipo

de mundo que estamos criando e quais os códigos que passamos a aceitar. Também é verdade que, apesar de tudo, ficou-nos um certo fascínio por indivíduos que exercitavam até a sofisticação o pensamento sobre a conduta.

Posto de lado o fascínio, no entanto, o episódio de *Cármides*, se não figurasse nas obras de Platão, soaria aos ouvidos, no século XXI, como distração de desocupados, sem importância. Substituímos ocupações filosóficas por jogos solitários nos quais o adversário não é o amigo, mas a máquina.

A “beleza da alma” e a “sabedoria moral” representam pressupostos percebidos por Platão como possibilidades de nos colocar acima das divergências na violência que nos cerca. Haveria, assim, meios de fazer face a elas, através do reconhecimento de que, não obstante as tensões estejam em nós, devemos nos manter conscientes delas e desenvolver instrumentos que se abram para um processo de auto-superação. Mais uma vez, para os gregos, a salvação levaria à filosofia e à capacidade da inteligência, temperada pela sensibilidade, de descobrir as saídas.

No romance de Paul Auster, *Noite do oráculo*,⁵ o confronto que opõe Sydnei Orr ao chinês chega às vias de fato de uma forma surpreendente, como se o acirramento houvesse ocorrido por inadvertência ou através do elemento de choque cultural entre o norte-americano e o emigrante de outro continente. Não se imagina, em princípio, que aquelas duas pessoas se exasperariam a ponto da agressão física. Um dos contendores, ademais, acabara de sair de um longo tratamento hospitalar. A natureza da divergência apontava na pior das hipóteses para um estremecimento nas relações, um rompimento na cordialidade que haviam construído no primeiro encontro. Mas, comprovando que caminhamos sobre minas, o descontrole tomou conta da situação e permitiu que degenerasse. Pouco depois, ainda sob o efeito da surpresa, Sydnei Orr retorna à casa mais desamparado do que nunca.

Faz parte da natureza humana, com certeza, andar sobre minas. Nunca se sabe onde estão escondidas e quando começarão a explodir. A diferença entre nós e os outros, nossos antepassados, é que deixamos de nos preocupar com isso.

A especulação dos amigos de Sócrates em torno de Cármides, afinando os temas da sabedoria, conduz a reflexão a uma das áreas mais importantes da existência social: a conduta. Na sociedade de massas, pela velocidade dos acontecimentos e pela multidão de pessoas envolvidas, os mecanismos aperfeiçoados passam por vias que já não dependem do raciocínio ou de uma ponderação madura. Nenhuma das invenções da indústria desce a fundamentos para corrigir ou contornar a gravidade de certos problemas.

Atuam na superfície, dando a impressão de que se fez alguma coisa. Daí o espanto, a sensação de perplexidade quando, de cidadãos pacíficos que éramos (e um escritor, no caso), vemo-nos metidos numa briga em estado de selvageria. Um povo inteiro agiu assim, às vésperas e durante a II Guerra – e se tratava de um dos mais cultos e civilizados da Europa. Ninguém nos dias que correm se acha imune ou incapaz de deslizar para cair no túnel de tais armadilhas.

O conceito de “sabedoria moral” não visava somente o comportamento em sociedade. Depois de Kant, ficamos com a impressão de que o tema girava em torno desta premissa. “Sabedoria moral”, uma vez estabelecida como disciplina, antes de caducar e se enrijecer no século XIX, preparando a área para uma rejeição geral e um cansaço da questão filosófica, até o abandono puro e simples, era algo que tinha em mente um processo de autocohecimento, de um pensamento que se voltava para o pensamento, como se, para lidar com suas características, cada indivíduo tivesse a necessidade de entendê-las, uma vez que no centro se colocava o homem e seus dilemas.

Esforços no sentido de evitar a erupção da violência, o impulso da destruição, inerente à vida, caem por terra, se não nos ocuparmos, paralelamente, de trabalhar com as formas de conduta. A literatura denuncia. Está nos poros da narrativa a marca de uma opção que, fechando os olhos para o indivíduo e suas ambigüidades, supõe colocar em curso a banalidade dos sistemas de adesão. Isto porque, é possível aderir na superfície, sem que, nos lagos profundos, a lama da ignorância e da selvageria não aguarde o momento de emergir. Sócrates registra para Crítias a compreensão de que sabedoria representa uma ação em progresso, um percurso que não chega ao fim e que não pode, só por isso, ser abandonado, como interesse supérfluo ou sem efeito ao primeiro exame. Sabedoria, dentro desta visão, pede muito e nos dá pouco, daí a fadiga que certos períodos inclinados à futilidade demonstram como reação frente a ela. Na nossa sociedade, substituiu-se o saber por uma especialização do conhecimento, o bastante para um desenvolvimento inigualável da indústria e uma robotização dos seres comuns: sua transformação em repetidores e reprodutores de verdades consagradas. Isso explica a força da imprensa na derrubada ou na afirmação de mitos. Como não ignora que “faz” a cabeça das pessoas, sobretudo pela televisão, escolhe temas que sejam mais ou menos sensíveis e armam campanhas, obtendo a adesão das massas. Vale-se de técnicas para tanto, para aumentar a eficiência, porque a sua base de atuação já se coloca como suscetível à manipulação. Um indivíduo avesso ao pensamento solicita que pensem para

ele, delega competência para tomar decisões e apenas avança, sem segurar o leme, rumo ao seu futuro indefinido. Chegamos ao falado encontro da civilização com a barbárie, se é que o termo civilização possa ser adotado como referência somente a áreas de aperfeiçoamento, deixando de fora o resto da existência individual ou social.

Quando Bataille e René Girard reconhecem o estado de latência da violência e o atribuem ao acúmulo de tensões, tocam num problema real. Examinam as medidas tomadas nas tribos primitivas e as formas intuitivas que usavam para restabelecer a paz e a normalidade no convívio. Trataram do assunto como sociólogos. Um filósofo, como Sócrates, teria de descer aos detalhes e considerar cada um de nós como fonte de reflexão, com capacidade para parar, duvidar e crescer. No meio da multidão, um filósofo se escandalizaria com a cerimônia do sacrifício, compreendida ou não como religiosidade. O que lhe despertaria a atenção seria a aceitação passiva, a partir da liderança sacerdotal, rumo às piras do holocausto. Foi a crítica perplexa que provocou em Hannah Arendt o questionamento sobre os judeus, quando seguiram sem revolta para os fornos crematórios.

Como explicar aquilo? Por que não se revoltaram, porque entregaram a vida sem luta, ainda que lutar significasse, de qualquer maneira, a morte?

Talvez eles não estivessem, como também não estamos, aparelhados para este extremo de atividade, talvez não se houvessem condicionado a pensar e reagir. O exercício da reflexão não retiraria de Eichmann o comando do morticínio mais do que do outro, na ponta do sistema, daquele que deveria obedecer para que as manobras se realizassem sem obstáculos, como agradaria às autoridades nas hierarquias superiores.

Note-se que Sócrates, quando defende a sabedoria, não pretende um processo de desaceleração na condução do universo social. Saber ou buscar a sabedoria não implica necessariamente a interrupção de atividades e sim a mudança de foco com que observamos as coisas enquanto atuamos sobre elas. Afinal, para ele, o saber é belo. A lentidão não acrescenta beleza, muito pelo contrário. Trata-se do uso, do hábito, dos modos como encaramos os dilemas e neles tentamos descobrir as soluções. A ser verdadeira a posição de Sócrates, cairia por terra o argumento de nossa fase de vida contra a filosofia, o de que se perde tempo com ela. A medida de tempo utilizada para a comparação destruiria toda e qualquer postura teórica e privilegiaria apenas o lado pragmático dos esforços. O que não estivesse sobre a bancada dos laboratórios, ocupando um espaço no pensamento dedutivo, inviabilizaria o cerne da experiência. Não podemos prescindir da razão, só podemos exigir

menos dela – ou mais, de acordo com os nossos interesses. Daí ser a pressa um ingrediente da ideologia, muito mais do que uma peça para a eficácia na produtividade real.

Nas ruas das grandes metrópoles, aí sim, vista de cima, a multidão evoca uma comunidade de formigas operárias, no afã de levar comida ao formigueiro. O trabalho exige, junto com a disciplina, resultado, julgado segundo critérios quantitativos. Nós agimos, por conseguinte, de um modo na superestrutura e de outro na infra-estrutura. Mesmo no sistema capitalista avançado, não há como descartar as posições de Sócrates. A filosofia não só se justifica como faz falta. As sociedades que não a empregam, terminam por pagar um preço pela desatenção.

Em sua obra sobre a razão prática, Kant salienta que a moral “não é propriamente a doutrina sobre como nos tornamos felizes”, mas antes um meio de nos tornarmos dignos da felicidade. “Digno” aparece no texto para indicar uma necessidade, uma preparação para alcançar o patamar superior. Dignidade já constitui, aqui, um conceito de caráter moral. Não há como não inferir na frase, em última análise, a ênfase dupla, de imperativo, com que aparece na linha da argumentação. No íntimo, estamos conscientes disso.

Novamente, nos vem à mente, a título de exemplo, a cena de Auster, um pouco antes do conflito físico da luta entre Sydnei Orr e o chinês. Este o havia levado a um “clube noturno”, para que avaliasse em sua opinião a conveniência ou não de nele investir. O jovem escritor, mal entrara na casa e constatara, criticamente, de viva voz, que se tratava de um bordel, contra a opinião do amigo para quem ali havia apenas um lugar, com mulheres nuas, para os homens relaxarem. O detalhe é que Orr, de início repugnado e disposto a resistir, em nome da fidelidade à esposa, no minuto seguinte aceita praticar sexo com a bela caribenha que lhe é apresentada. Ela tinha a pele escura e luminosa tão atraente que se lhe tornou irresistível. Pediu permissão para tocá-la. Foi o primeiro movimento para se retirarem e entrarem numa cabine. O fato bastou para que retornasse a casa com um peso, certo de que errara e de que se tornara indigno do afeto que a esposa lhe dedicava.

O que acontece aciona um gatilho, não de imediato (a mulher continua desconhecendo o ocorrido), mas na condição de vetor invisível partícipe do mistério que nos envolve, estejamos ou não conscientes de suas intenções. Por coincidência, é quando deixa de se tornar digno da estrutura montada de sua existência, que Orr chega a ponto de analisar e descobrir inclusive os antecedentes dos relacionamentos da mulher antes de aceitá-lo e passar a viver com ele. A história é contada como se as coisas pudessem ficar algum

tempo no ar, numa levitação, e desabar, por estranhas manobras da física ou da magia espiritual, sobre a cabeça das pessoas. É como se as vítimas, além de vitimadas, figurassem, num ponto qualquer de suas trajetórias, como o algoz a atingir. No universo de Auster, ninguém, finalmente, se mostra digno da felicidade. Os poucos que a detêm, só conseguem segurá-la durante um certo tempo, antes que a maré suba e os leve na correnteza.

É uma lição que se acha na raiz da literatura contemporânea, ainda que esta não a coloque com clareza ou através de mensagens de caráter moralista. Estamos num mundo que não isenta a ninguém, um ambiente que já não permite as saídas de Rousseau, retirando-se de Paris para viver por sua conta, no meio do campo, a copiar partituras musicais. Nenhum refúgio surge bastante protegido para retirar alguém do circuito e poupá-lo da contaminação. Eis o motivo pelo qual a falta de atitude ativa não se oferece como alternativa, separando os militantes dos não-militantes. Todos, os que assim desejam e os outros, agem e colaboram, inclusive os puristas.

Se em Auster a conclusão não se mostra evidente, exigindo que o leitor se aprofunde, camada por camada, em Coetzee, talvez porque escreva a partir de um país pobre e desigual, a dedução vem a reboque e soa clara, impossível de não detectar. Num instante qualquer da história, numa crônica reiterativa de opressores e oprimidos, o mais inocente dos cidadãos contribui, mesmo sem querer, para que as ações se precipitem. O capitalismo, como vimos, acabou com a possibilidade da inocência. E, se entendermos que os acontecimentos recebem o aval da população, então podemos admitir que não caminhamos às cegas para o desastre, caminhamos em sua direção certos e seguros do que fazemos, não obstante não avaliemos a extensão e a gravidade do desfecho.

A dignidade em Kant ainda se liga à hipótese de Deus. Em nosso universo, Deus e a religião são refúgios, não propriamente antagônicos, à corrente dominante, mas coerentes com ela e determinados a fortalecê-la. Vai-se ao Templo ou à Igreja para neutralizar, em termos espirituais, a sensação de fraqueza, de ser incapaz de continuar, de encontrar um lugar ao sol. Os fiéis não pertencem a uma comunidade, a não ser quando protegidos pelas paredes do local de oração, onde cada um compartilha angústias e fragilidades. Na experiência laica, onde devem passar a maior parte de suas biografias, trabalhando e buscando meios de sobrevivência, nada confirma a presença de Deus e da religião. Daí a cunha, o fenômeno das duas vidas que se cria em função da ambigüidade. Até os religiosos sabem que a religião não passa de um sedativo, de uma compensação no oceano de males que agitam os mares navegados.

A comparação de Auster com Coetzee, apesar das diferenças que os separam, destaca um ponto em comum que pode ser estendido a uma forte quantidade de autores, permitindo que separemos, para examiná-lo com atenção, um material da época. Coetzee deixa subentendido que “um dia, inocentes pagaram; hoje ou amanhã, inocentes pagarão”. Liberamos, desprovidos do princípio da “sabedoria moral”, de Platão, enquanto despendemos energias infinitas construindo, a sedução da destruição numa escala nunca vista.

O que *falta* ao homem? Ser seu próprio fundamento. Por que e em que esta falta aparece? Na e pela liberdade. Pois a liberdade é precisamente o fundamento. Há manifestação da liberdade quando este objeto só é compreendido na medida em que lhe atribuímos um projeto por fundamento.⁶

A qualidade dos projetos deve ser levada em conta pelo que mobilizam e entusiasmam, perdurando além do minuto seguinte à da mera alegria circunstancial. É curioso observar que, no momento em que as opções circulam pelo mercado das superficialidades, basta examinar que veremos como a liberdade escasseia e desaparece do horizonte, ainda que transmita a impressão individual de estarmos na plena posse dos movimentos e das vontades.

Sartre tem razão quando aponta para os dois problemas e os articula em conjunto. A falta de fundamento repercute na falta da liberdade, na apatia, no estado de aceitação passiva dos comandos de cima, privando o indivíduo da sua capacidade de escolha e de resistência. São sintomas de fácil percepção nos regimes autoritários, quando as pessoas dispõem de poucas áreas de manobra para a expressão individual.

Como lidar com o problema, no entanto, nas democracias burguesas representativas?

Esperar a próxima eleição se justificaria como resposta, se não estivéssemos, como assinala Adorno, em regimes plebiscitários em que se diz sim até quando se diz não. Em tais situações, pode-se detectar o rumor da crise, através de sinais que pipocam, prenunciando conflagrações. É verdade que, na observação de Sartre, se insinua uma postura existencialista, com ênfase na particularidade das angústias. Como, sem chegar ao socialismo, nós nos aproximamos cada vez mais de uma sociedade “igualitária”, de massas, na qual as diferenças se diluem ou tendem a isso, por meio das possibilidades de consumo, também parece certo que o nível das exigências se reduziu.

A ninguém é dado prever o que ocorrerá amanhã. Estamos, por outro lado, de certa maneira, numa lógica de experiências inéditas, restando-nos,

para a reflexão, o confronto com o passado e as referências da história nem sempre semelhantes em termos de contexto. Contudo, se mudou na superfície, a humanidade continua a mesma, com características parecidas na psicologia das formas de comportamento. A riqueza efêmera dos produtos de consumo não elimina a carência de valores. E, neste ponto, o raciocínio sartreano não se desvia do alvo: o que não é fundamento e ainda sim se consome como fundamento constitui fuga, válvula de escape por onde a pressão da frustração procura sobreviver e manter o fôlego da esperança.

Há instantes em que nos dobramos por falta de outras oportunidades. Não seria a primeira vez em que isso teria lugar, mas, dobrando-nos, uma luz se acende como aviso de que algo caminha mal e a confusão de vontades (da imediata à mais profunda) é vivida como falta de reconciliação interior. O resultado se traduz como rejeição do eu contra o eu. É assim que se troca a satisfação imediata por uma insatisfação constante, gerando um moto perpétuo de correções de correções no qual cada vez mais necessitamos de recursos para alimentar as vaidades e os pequenos desejos.

O que falta ao homem é ser o seu próprio fundamento, salientava Sartre. É afirmativa que enuncia um diagnóstico, como se os esforços realizados afastassem em vez de aproximar o homem de si mesmo. Na verdade, desde o final do século XVIII, o abismo entre o eu e o outro se mostra equivalente ao abismo no eu consigo mesmo. É como se cada ação aviltasse, de alguma forma, a natureza individual. Na sociedade de massa e de consumo, deixamos de nos interessar pela profundidade das nossas questões e nos acomodamos ao desvio do olhar, sempre pronto a se dispersar e a vagar por devaneios de compra. Não é o ser, portanto, que constitui o seu fundamento, mas o conforto, a busca pela riqueza material, a aquisição do último *gadget*, a bobagem de um sucesso da indústria fonográfica... Por outro lado, o outro foi deixando de ser um semelhante para se tornar um competidor, situação que o transforma novamente em semelhante, pelo impulso, não pela natureza, uma vez que todos competem com todo mundo.

O fundamento não deixou de se revelar uma possibilidade e não se dissolveu completamente como questionamento na atmosfera rarefeita de idéias e de oportunismos que caracteriza a época. Continuamos a precisar dele. Ao mesmo tempo, uma resistência, um desestímulo, roubam o tempo e retiram a substância na vontade da procura. De vez em quando, tropeçamos numa imagem ou numa palavra que nos restituem à consciência da inautenticidade, de girarmos em torno de fraudes e de miragens, e nos preocupamos diante de uma realidade que faz da falsificação e do efêmero

as suas moedas principais de valor no mercado dos sentimentos. Somos levados então a reconstruir a pergunta acima e a entender que, como se a tivéssemos obtido, sem obtê-la, a liberdade nos escorregou das mãos e nos tornamos apáticos, repetitivos.

Kant conclui o seu livro sobre a razão prática com o reconhecimento de que estudara as tendências e as predisposições morais da natureza humana. Não pretendia emprestar traços que não lhe pertencessem. Não trabalhava com hipóteses de desfiguração, como Rousseau, quando comparou os seus contemporâneos com o selvagem (eles hipócritas e corrompidos pelo luxo e pela riqueza e este dotado de superioridade de alma e nobreza de comportamento) e mencionou a categoria de bondade natural.

Seduzidos pelas máquinas que criamos, damos hoje a impressão de imitá-las e expressamos, na existência da prática social, a idéia segundo a qual elas se mostram mais perfeitas e mais confiáveis do que nós. Devemos nos conformar, ainda que necessitemos comandá-las, com a posição de repetidores, acionando os botões que colocam as linhas de produção em movimento. Quando falham é, na maioria das vezes, falha de quem as conduziu ao impasse, por inadvertência ou por incompetência. No confronto, perde-se alguma coisa. Perde-se, sobretudo, o apreço da auto-estima. É a razão pela qual, ao contrário de Kant, já não conseguimos examinar os fatos como uma conseqüência de um encontro entre o eu e o eu, mas antes como resultados de um desencontro, com o seqüito de violências às quais passamos a nos habituar.

O conceito de destruição chega, assim, fechado numa circularidade, ao local de origem. Leva-nos para onde não queremos e se vale de nossa vontade para prosseguir, com controle menos do que relativo, na crise e em seus desdobramentos.

Notas

¹ VOEGELIN, Eric. *La nouvelle science du politique, une introduction*. Trad. Sylvie Courtine-Denamy. Paris: Seuil, 2000, p. 34. Versão nossa.

² Cf. SARTRE, Jean-Paul. *Cahiers pour une morale*. Paris: Gallimard, 1983.

³ Idem, pág. II. Versão nossa.

⁴ Cf. PLATÃO. *Cármides, o de la sabedoria moral*. In: *Obras completas*. Trad. Maria Araújo et alli. Madrid: Aguilar, 1981, p. 268.

⁵ Cf. AUSTER, Paul. *Noite do oráculo*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Cahiers pour une morale*. Op. cit., p. 455.

Resumo

No contexto da pós-modernidade, este ensaio estuda as relações entre o impulso destrutivo, presente nas situações descritas pela literatura, e a dinâmica da sociedade de consumo. Queremos detectar o papel da moral (ou da falta dela) na lógica dos costumes. Para tanto, examinamos pontos de contato entre a história, a expressão humana e o vazio de valores.

Palavras-chave

Recebido para publicação em

Abstract

The traces of destruction, which we find in the contemporary literature, present in the dynamics of the mass society, are the focus of this study. We also want to detect the connections between the History, the human expression and the lack of values.

Key words

Aceito em

